



## A TRAJETÓRIA DO DR. BEZERRA DE MENEZES: O MÉDICO DOS LOUCOS E OBSEDADOS



<https://doi.org/10.56238/levv16n47-115>

Data de submissão: 30/03/2025

Data de publicação: 30/04/2025

**Márcia Pereira da Silva**

Doutora em História. Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP – Campus de Franca.  
E-mail: [marcia.pereira@unesp.br](mailto:marcia.pereira@unesp.br)

**Igor Moraes da Silva**

Mestre e Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNESP – Campus de Franca.  
E-mail: [igor.morais@unesp.br](mailto:igor.morais@unesp.br)

---

### RESUMO

O artigo analisa a trajetória do médico Adolpho Bezerra de Menezes na segunda metade do século XIX. O personagem tornou-se conhecido político do Rio de Janeiro, eminente escritor, cientista reconhecido e ainda hoje é reverenciado como grande divulgador da religião espírita, tendo se convertido no ano de 1875. Notabilizou-se Bezerra de Menezes por seus estudos, publicações e atuação médica nos casos de loucura, opondo-se à medicina higienista, passando a ser identificado como “o médico dos pobres”. Suas publicações são reeditadas com frequência e serviram de embasamento para inúmeros estabelecimentos espíritas de atendimento à loucura durante o século XX.

**Palavras-chave:** Médicos. Loucura. Espiritismo.

## 1 INTRODUÇÃO

[,,] Influências estranhas não determinam somente casos de loucura, que os médicos mandam para os hospícios, na convicção de que trata-se de uma moléstia do corpo – e que nos hospícios nunca conseguiram nem conseguirão curar, por mais abalisados que sejam na especialidade [...]  
[...] Cura-se de uma obsessão, em vez de curar-se de uma loucura, e veremos como os hospícios terão reduzido a proporções mínimas seu passivo dos incuráveis [...] (Max, 1893, p. 4).

A citação anterior, retirada de uma coluna de um periódico do Rio de Janeiro de fins do século XIX, atribui a maioria dos casos de loucura, então tidos como patologias mentais, cujos doentes deveriam ser afastados da sociedade à “influências estranhas”, ou, em outras palavras, fruto da ação de espíritos desencarnados sobre os homens. O autor do texto é Bezerra de Menezes, conhecido médico, escritor e político da então capital do Brasil, na época já convertido ao espiritismo.<sup>1</sup>

A matéria em questão integra uma série de textos publicados no jornal *O Paiz*, periódico de grande alcance no Rio de Janeiro. Sobre a relevância do jornal, informa Bruno Brasil (2015, s/p.), um dos pesquisadores da Biblioteca Nacional:

*O Paiz* foi um jornal diário de grande circulação lançado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), por João José dos Reis Júnior, o conde de São Salvador de Matosinhos. Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado pela Revolução de 1930.

Bezerra de Menezes, utilizando o pseudônimo Max, publicava periodicamente no *O Paiz*, mas também no *Reformador*, periódico espírita que o médico havia ajudado a fundar no ano de 1883 (Klein Filho, 2020). Em ambos, o objetivo declarado era, obviamente, difundir o espiritismo. No *Reformador*, como se tratava de discursar para pessoas já adeptas do espiritismo, os textos que ele escrevia podiam tratar de assuntos variados, incluindo questões morais e éticas. No entanto, em *O Paiz*, os temas versavam sobre assuntos em voga no período, o que chamaria a atenção da população em geral, incluindo dos não adeptos do espiritismo.

Com efeito, a discussão médica sobre a loucura, suas consequências sociais e as políticas públicas para amenizar o problema foi um dos maiores debates na sociedade brasileira de fins do século XIX e início do XX. Explica-se: o crescimento urbano e as leis relacionadas à abolição da escravidão diversificou a sociedade brasileira, transformando a sociabilidade cidadina; as elites se viram obrigadas a conviver com os identificados como indesejados e desajustados de toda ordem – pretos, prostitutas, bêbados e pobres em geral. Da perspectiva dos poderes públicos elitistas era preciso higienizar o país e conseguir braços ordeiros, submissos e aptos ao trabalho e desenvolvimento do Brasil.

<sup>1</sup> Durante a sua vida, o médico utilizou três identificações: Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti, Adolpho Bezerra de Menezes e o pseudônimo Max.

Sobre a situação dos excluídos e indesejados no final do século XIX, bem como das minorias durante o século XX, escreveu Sandra Jatahy Pesavento (2001, p. 20):

Com toda certeza, nas condições brasileiras, a exclusão tem cor definida, constituindo-se na imensa maioria de negros e mulatos, nas gradações diversas que compõem a população do país. Por outras a exclusão pode se apresentar sexuada e, centrando-se na figura feminina, atravessar mesmo todos os extratos sociais, configurando-se então por formas mais sutis, mas nem por isso a salvo da excludência.

Para aqueles que não se adaptassem às novas exigências da moderna civilização cabia a exclusão e, no limite, a alienação.

No Brasil, foi a partir dos anos de 1830 que médicos, sobretudo os alienistas, começaram a reivindicar a primazia no tratamento e controle dos espaços destinados aos loucos. O primeiro espaço destinado à loucura foi o Hospício Pedro II, cuja construção se iniciou em 1841 a mando do então imperador D. Pedro II. O estabelecimento foi inaugurado no ano de 1852 (Costa, 1976, p. 33-34).

Não desconhecemos que muitas casas e instituições de recolhimento de indesejáveis foram mantidas por religiosos, já que eram poucos os estabelecimentos médicos (Fonte, 2012). Mesmo assim, a segunda metade do século XIX marca a afirmação da psiquiatria no Brasil.

Vários foram os pesquisadores que investigaram a história da psiquiatria no Brasil. Dentre eles, Alexander Jarbet (2012, p. 2) chamou atenção para o fato de que mesmo antes da inauguração do estabelecimento criado por D. Pedro II em 1852, os médicos já demonstravam preocupação para com o trato da loucura no país. A psiquiatria daquele período buscava demonstrar a necessidade de o Estado assumir a responsabilidade pelos loucos e administrar os hospitais psiquiátricos, com a alegação de que ia assegurar a proteção tanto da sociedade quanto do próprio indivíduo com transtornos mentais.

O livro *Condenação da Norma: Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil* trata da formação da medicina social e da psiquiatria no Brasil. Os autores têm como meta compreender a essência atual da medicina, seu impacto na sociedade e sua finalidade como uma ferramenta técnico-científica a serviço do Estado, seja de maneira direta ou indireta. A pesquisa abrange o desenvolvimento da medicina a partir do século XIX, destacando-a como um componente fundamental para identificar e controlar as causas das doenças. Nesse contexto, o médico é considerado um profissional hábil em evitar ou dificultar o surgimento de enfermidades, promovendo o controle das patologias. Por fim, sua função na sociedade era orientar de forma racional as transformações sociais, guiando-as em direção à civilização e ao desenvolvimento (Machado *et. al.*, 1978).

Desse modo, a formalização e a medicalização da doença mental desempenharam um papel significativo na validação científica, social e acadêmica da psiquiatria a partir do final do século XIX.

A psiquiatria, nesse cenário, emergiu como uma área da medicina dedicada aos indivíduos vistos como potencialmente perigosos e contagiosos devido à loucura. Na transição do século XIX para o XX, “a saúde pública e a psiquiatria” colaboraram para higienizar a cidade, eliminando “a

sujeira e a desordem”, além dos cortiços, que representavam focos de infecção e desorganização, permeando as ruas centrais e as áreas adjacentes ao porto (Resende, 2012, p. 45). Com o respaldo científico da época, as opiniões dos médicos acadêmicos foram favorecidas pelas políticas públicas, cujo objetivo era moldar a vida cotidiana com foco na normalização e no controle dos indivíduos. Assim, essa nova ciência médica se tornou proeminente, alinhando-se a incentivos públicos e ideologias progressistas relacionadas à urbanização e à saúde pública, que buscavam a construção de uma nação mais moderna, exigindo, portanto, a imposição de disciplina.

A psiquiatria, portanto, estabeleceu-se no contexto científico brasileiro ao buscar incluir uma diversidade de tópicos na definição dos limites entre “doença” e “saúde”, além do que é considerado “normal” em relação ao “patológico” no contexto das doenças mentais (Engel, 1999, p. 556). Entre esses tópicos, sobressaíram questões como raça, civilização, trabalho, sexualidade, criminalidade, religião, alcoolismo e até política. Esses assuntos mostravam a inquietação e/ou a necessidade de eliminar esses sujeitos indesejados dos ambientes públicos e comunitários, resultando em uma clara conexão entre a ameaça à ordem pública e as enfermidades mentais.

O tema da loucura e dos estabelecimentos de alienação, muito debatido no período foi incentivado pelas inúmeras instituições que destinavam-se ao recolhimento dos indesejados. No século XIX, foram criados especificamente para os casos de loucura, além do já mencionado Hospício D. Pedro II: o Hospício Provisório de São Paulo (São Paulo/1852); o Hospício de Recife-Olinda (ou da Visitação de Santa Isabel) (Pernambuco/1864); o Hospício Provisório (Belém próximo ao dos Lázaros/Pará/1873); o Asilo João de Deus (Salvador/Bahia/1874); o Hospício São Pedro (Rio Grande do Sul/1884); e o Asilo dos Alienados São Vicente de Paula (Fortaleza/Ceará/1886) (Medeiros, 1997).

Nesse contexto, apareceu a medicina espírita. Fundamentalmente diferente em termos de causa e tratamento da loucura, o espiritismo ganhou adeptos entre proeminentes médicos, incluindo membros da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse debate, destacou-se o médico Bezerra de Menezes.

O objetivo do presente artigo é analisar as percepções sobre a loucura, nos aspectos das causas e do tratamento, da medicina laica e da espírita, por meio da trajetória de Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti.

## 2 O PERSONAGEM

Filho de Antônio Bezerra de Menezes e de Fabiana de Jesus Maria Bezerra, Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu no ano de 1831 no interior do Ceará.

Seu pai era tenente-coronel da Guarda Nacional. Sobre as condições financeiras e a posição social da família, as informações são esparsas e confusas.

Em virtude de Adolpho Bezerra de Menezes ter se tornado proeminente personagem da história do espiritismo, há uma versão oficial escrita por religiosos e biógrafos espíritas, segundo a qual seu

pai teria sido homem de posses que foi à falência porque era também honrado e “muito caridoso”, tendo comprometido toda a sua fortuna na assistência aos desvalidos.

Mas Antônio Bezerra de Menezes fez a vida em Riacho de Sangue<sup>2</sup>, freguesia do interior do Ceará que somente conseguiria sua emancipação de forma definitiva no ano de 1873. No ano de 1842 a família muda para o Rio Grande do Norte, mas retornou à Riacho do Sangue em 1846. Dessa forma, o local não era assim tão abastado para comportar grandes fortunas.

Ademais, é sabido que não era preciso muita fortuna para se tornar coronel, muito menos tenente-coronel. Miquéias Mugge (2012) argumenta que eram muitas as atividades esperadas de tais postos e que, por isso mesmo, poderia ser difícil desenvolvê-las simultaneamente à outras atividades financeiras, como administração de plantações, criações e/ou comércio. Tal fato fez com que esses postos não fossem assim tão desejados pelos homens mais abastados. Ainda sobre as pagas correspondentes aos postos da Guarda Nacional, escreveu a autora:

A primeira observação [...] é que há toda sorte de valores nos montes-mor dos oficiais. Havia o alferes, o tenente e o capitão que, mortos, somavam menos de 40 libras esterlinas em seu inventário. Por outro lado, encontramos alguns alferes, capitães e tenentes-coronéis cujas somas ultrapassavam 5 mil libras esterlinas (Mugge, 2012, p. 313).

É bem verdade que Antônio Menezes poderia ter outras fontes de lucro, mas, provavelmente, a ideia de que ele era um homem com emprego numa vila no interior do Ceará tenha dado a impressão de posses para uma população de vida pobre e desprivilegiada. Por fim, se ele tinha posses, por que seu filho não recebeu herança correspondente?

De uma outra forma, a morte do pai piorou a situação de privações do então jovem, que partiu para o Rio de Janeiro em busca de trabalho e formação.

Quanto à formação, Bezerra de Menezes concluiu estudos de latim enquanto morava com a família no Rio Grande do Norte e terminou o Liceu quando eles voltaram para o Ceará. Para fazê-lo contou com a ajudar do irmão, Dr. Manuel Soares da Silva Menezes, que já era político conhecido na região (Arribas, 2008).

Quando vai para o Rio de Janeiro em 1852, Bezerra de Menezes empregou-se como praticante interno do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, pois precisava trabalhar para se sustentar.

As Santas Casas de Misericórdia foram criadas durante o período colonial e são elas que, durante o Império, cuidam da incipiente assistência aos enfermos do país, tendo, inclusive, criado

<sup>2</sup> Foi a partir da Resolução do Conselho Provincial em 06 de maio de 1833 que a então freguesia de Riacho do Sangue alcançou o status de vila para que assim tornasse sede do município de Jaguaribe e instalasse ali sua câmara municipal. Em 1850, a vila foi desvinculada do município e passou a integrar o núcleo de Cachoeira. Riacho do Sangue volta ao núcleo de Jaguaribe, no ano seguinte a então vila passou a ser nomeada Jaguaratema. Foi pela Lei n. 1567 de 9 de setembro de 1873 que a vila conseguiu sua emancipação definitiva. Com o tempo, a longa extensão de terras que formavam o município foi sendo desmembrada, dando origem também ao município de Solonópolis. Para saber mais ver: PONTES, Rafael Pinheiro; BRITO, Joé Jurailson Bezerra. Jaguaratema – A flor do sertão. História do Riacho do Sangue nos séculos XVIII e XIX. *Revista Instituto do Ceará*, Fortaleza, p. 135-160, 2021.

asilos para abrigo de alienados pobres. Nelas atuava diversificado números de trabalhadores, dentre eles o corpo clínico do qual fez parte Bezerra de Menezes. Mas ele não era médico ainda, então teve de se empregar na categoria de cirurgião. A divisão entre cirurgiões e médicos foi assim explicada pela Laima Mesgravis:

Os cirurgiões, encarregados de realizar operações, pensar feridas, reduzir fraturas e praticar sangrias, não podiam diagnosticar doenças nem receitar remédios porque seus estudos não eram realizados em universidade, e sim como práticos em hospitais. Apenas os médicos tinham título de doutor e a condição de profissão liberal (1976, p. 153).

A mencionada diversão entre o corpo clínico remonta o período medieval, bem como já existia no Reino Ibérico, aportando em terras brasileiras. O Brasil passou, ainda durante o período colonial, pelo processo de expansão das Misericórdias, ao passo que mesmo com o advento da Independência e, posteriormente, o início do período republicano, o processo de difusão dessas instituições teve continuidade na história do país.

A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro foi fundada em meados do século XVI. Foi ali que séculos depois um jovem de 21 anos, Bezerra de Menezes, conseguiu a vaga de praticante entre os cirurgiões. Dessa forma ele pôde iniciar seus aprendizados por meio de atividades desenvolvidas cotidianamente, certamente com alguma supervisão, pelo menos no início, da profissão que escolheria para toda a vida.

No ano de 1856, Bezerra de Menezes concluiu o curso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro sob a defesa da tese “Diagnóstico do Cancro”. Formado, ele não precisava mais ser apenas praticante. Em 1857, o médico recém-formado teve aprovada sua candidatura para membro da Academia Imperial de Medicina. Na ocasião, foi preciso apresentar uma tese de ingresso, para o que ele aproveitou o trabalho exigido para a conclusão do Curso de Medicina. No texto chamou-nos a atenção a argumentação do autor. Era comum para a medicina do período associar algumas doenças às minorias sociais, incluindo pretos, mulheres, algumas profissões e pobres em geral. O “cancro”, nome dado ao câncer ou tumor maligno, assim como a loucura, era uma delas. Dessa forma, foi comum que as causas do cancro fossem procuradas nas então compreendidas como degenerescências morais de origem e/ou de formação. Bezerra de Menezes se opôs a tais interpretações, ao escrever que:

De quanto serve saber-se, que é mais frequente na mulher do que no homem; mais ligado a um temperamento bilioso ou lymphatico, e uma constituição fraca que ao temperamento sanguíneo e constituição forte; mais próprios dos climas quentes, que dos frios, de taes e taes profissões; desta ou daquella habitação? O que adianta todos esses dados, se nenhum é absoluto, se a humanidade em todas as idades, em qualquer sexo, em todos os temperamentos e constituições, profições e habitações, etc. pôde pagar tributo a este terrível mal? (Cavalcanti, 1857, p. 182).

Nota-se que o médico argumentou que o câncer poderia atingir quaisquer pessoas, independentemente de sua condição social, gênero e comportamento político, o que já era contrário às

concepções médicas do período, segundo as quais a cor da pele, a pobreza, o gênero, enfim, características de grupos hoje identificados como minorias sociais fariam com que a pessoa ficasse propensa a adquirir moléstias várias. No Rio de Janeiro, a tônica de afastar os pobres e os miscigenados era extremamente forte, ali era, aliás, a sede da principal Faculdade de Medicina do país.

As dificuldades geradas pela experiência fragmentária e irresoluta das reformas urbanas do Rio de Janeiro repercutiriam nas maiores cidades da República, que tentavam reproduzir nos estados os modelos europeus ou cariocas de readequação espacial. E se já havia sido trabalhosa a obtenção dos imensos financiamentos que pagariam as reformas cariocas, no Recife, em Salvador e Porto Alegre as dificuldades foram ainda maiores – tanto para implementar intervenções que livrassem as cidades das epidemias e da “promiscuidade” entre espaços públicos e privados, quanto para homogeneizar vizinhanças para assegurar a exclusão das moradias populares do centro (Marins, 1998, p.162).

Já médico formado, Bezerra de Menezes foi nomeado cirurgião-tenente do corpo de saúde do Exército, ocupando o posto de assistente do então cirurgião-mor, Manuel Feliciano Pereira de Carvalho (Nobrega Filho, Machado, 2008).

No ano de 1861 entrou para o partido liberal. Bezerra de Menezes chegou a ser eleito vereador municipal no mesmo ano. Quando eleito houve tentativa de impedimento de sua posse, em virtude de sua ligação com o Exército: era médico militar. O médico, então, optou pela demissão do Corpo de Saúde do Exército e seguiu sua carreira política.

Interessado em ocupar cargos políticos, Bezerra de Menezes foi reeleito vereador em 1864 e eleito deputado geral no ano de 1867. Entretanto, o recém-deputado viu-se obrigado a afastar-se da vida política depois de “dissolvida a Câmara dos Deputados em 1868, com a subida dos conservadores no poder” (Gurgel, 2020, p. 60).

DECRETO Nº 4.226, DE 18 DE JULHO DE 1868

Dissolve a Assembléa Geral.

Usando da attribuição que Me confere a Constituição no art. 101 § 5º, e Tendo ouvido o Meu Conselho de Estado: Hei por bem dissolver a Camara dos Deputados e convocar outra, que se reunirá no dia tres de Maio do anno proximo futuro:

Paulino José Soares de Souza, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faç a executar.

Palacio do Rio de Janeiro em dezoito de Julho de mil oitocentos sessenta e oito, quadragésimo sétimo da Independencia. e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Paulino José Soares de Souza (Coleção de Leis do Império do Brasil, 1868, p. 491).

Depois de cinco anos afastado das atividades políticas, Bezerra de Menezes é eleito mais uma vez vereador do Rio de Janeiro em 1873. No final da década, em 1878, o médico volta ao cargo de Deputado Geral.

Como deputado e homem público, Bezerra de Menezes envolveu-se com os debates e demandas liberais, entre elas a defesa da abolição da escravidão. Na década de 60 do século XIX entrou para o grupo que, sob a coordenação do Conselheiro Imperial José Antônio Pimenta Bueno, estudava



e discutia, a pedido do Imperador, formas de o país alcançar a abolição da escravidão sem muitos “traumas econômicos”.

Para contribuir com o debate em torno da abolição, Bezerra de Menezes escreveu um documento no ano de 1869, posteriormente publicado como livro, intitulado “*A escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a nação*”. Na Biblioteca do Senado, coleção de livros raros, assim aparece sintetizado a ideia geral do texto:

O autor apresenta sugestões de como alcançar no Brasil a emancipação do elemento servil sem prejuízo para a sociedade. Dessa forma sugere que a abolição da escravidão aconteça de forma lenta e gradual e que seja decretado o “ventre livre”, com a condição de que a criação das crianças nascidas de mães escravas ficasse aos cuidados do Estado, que nas chamadas “casas de criação” iria zelar pela educação e boa formação moral dessas crianças nascidas livres da escravidão (Senado, 2024, s/p.)

Com efeito, a ideia da “abolição lenta e gradual da escravidão” foi defendida pelos membros do Partido Liberal e parecia ter a simpatia de D. Pedro II (Carvalho, 2008). No entanto, o debate foi quase que abandonado diante das alegações que todas as atenções políticas e os esforços nacionais deveriam concentrar-se na Guerra do Paraguai, já em andamento (Deratioto, 2022). Findo o conflito, a questão foi retomada, sendo a lei assinada efetivamente no ano de 1871 (Carvalho, 2008).

A participação em grupos de discussões e o convívio com membros do Partido Liberal fez do Dr. Bezerra de Menezes um conhecido e respeitado membro da sociedade carioca. Tal fato lhe rendeu contatos importantes, o que, mais tarde, seria benéfico para garantirem sua participação em conhecidos periódicos, bem como lhe traria várias oportunidades de investimentos financeiros na cidade em desenvolvimento.

Em resumo, durante sua vida, Bezerra de Menezes foi praticante de cirurgião, médico, militar, escritor, político, bem como dedicou-se a empreendimentos relacionados à construção civil e de estradas de ferro. Cirlei Gurgel (2020, p. 60-61) sobre o assunto escreveu:

No período em que esteve afastado da vida pública, criou a Companhia de Estrada de Ferro Macaé/Campos na então província do Rio de Janeiro. Empenhou-se na construção da Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua, pretendendo estendê-la até o rio Doce. [...] foi um dos diretores da Companhia Arquitetônica de Vila Isabel, fundada por João Batista Viana Drummond (barão de Drummond) para empreender a urbanização do bairro de Vila Isabel. Em 1875, foi presidente da Companhia Ferro-Carril de São Cristóvão, período em que os trilhos da empresa alcançavam os bairros do Caju e da Tijuca.

Bezerra de Menezes converteu-se ao espiritismo em 1875, mas, antes disso, já tinha notórias publicações, entre elas: *Diagnóstico do Cancro* (tese para obtenção de diploma em 1856); *Tratamento do cancro* (entre 1857 e 1858 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *Das operações reclamadas pelo estreitamento da uretra* (tese para o concurso a uma cadeira de opositor da Secção Cirúrgica da Faculdade de Medicina em 1853); *Curare* (entre 1859 e 1860 no *Jornal da Academia*



*Imperial de Medicina*); *Parecer sobre a memória do Dr. Portela relativamente a contato e infecção* (entre 1859 e 1860 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *Tétano* (entre 1859 e 1860 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *Acessos a hysteria dependendo de um estado gástrico* (entre 1860 e 1861 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *Erycípelas periódicas* (entre 1860 e 1861 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *Gripe* (entre 1860 e 1861 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *Punição da Bexiga* (entre 1860 e 1861 no *Jornal da Academia Imperial de Medicina*); *A Escravidão no Brasil, e medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação* (1869); entre outras.

### 3 A CONVERSÃO

Adolpho Bezerra de Menezes converteu-se ao espiritismo no ano de 1875. Sobre sua conversão, uma série de reportagens, na forma de perguntas e respostas, foi publicada no periódico *Reformador*. Assim se deu sua conversão ao espiritismo segundo ele mesmo:

[...] Deu-mo na cidade e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: ora, Deus! Não hei de ir para o inferno por ler isto... depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia. Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para meu Espírito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava no ‘O Livro dos Espíritos’. Preocupei-me seriamente com este fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente [...] (Menezes, 1892, p. 2).

Ao afirmar “parece que eu era espírita inconsciente”, o médico se referia, como ele mesmo escreveu em vários artigos publicados posteriormente no periódico *Reformador*, à sua infância e juventude. Ele teve formação paterna católica, mas viveu no interior do Brasil, universo repleto de misticismo, crença em almas penadas, aparições demoníacas, curandeiros, personagens folclóricos e feitiçarias (Arribas, 2008). Agora ele podia explicar muito que do que via e do que ouvia falar as manifestações de espíritos/desencarnados.

Depois de se tornar espírita, Bezerra de Menezes estreitou relações com a Federação Espírita Brasileira e, a pedido da instituição então interessada em divulgar o espiritismo, passou a publicar frequentemente em vários periódicos, com destaque para os dois já mencionados: *O Paíz* e *Reformador*.

É curioso notar que ele usou o pseudônimo Max nas publicações em *O Paíz*, possivelmente porque, como homem público e político interessado em votos e publicações, temesse perder eleitores no Rio de Janeiro entre os não espíritas. Já no *Reformador*, periódico espírita, por muitas vezes assinou o próprio nome.

Outra análise é possível. Chamou-nos a atenção o fato de que foram dois tipos de publicações que Bezerra de Menezes escrevia no *Reformador*: o primeiro de cunho científico e argumentativo,

debatendo da perspectiva da “ciência espírita” assuntos da doutrina em linguagem, de certo modo, elitista; o segundo também falava de preceitos espíritas, mas não trazia pressupostos conceituais, mas procurava disseminar o espiritismo por meio da narrativa. Um exemplo desse segundo tipo foram as publicações de “Folhetins” no *Reformador*, como a história intitulada “Lázaro, o leproso: Romance espírita por Max” entre os anos de 1892 e 1896. Quando Bezerra de Menezes publicava narrativas, contos e novelas, ele assinava Max, provavelmente porque desejava ser reconhecido como iminente homem de ciência e não como escritor de romances.

Embora a moda cientificista tenha “entrado” no país por meio da literatura e não da ciência mais diretamente, alguns intelectuais brasileiros se esforçaram para se afastar da ideia de que eram apenas literatos, ou “homens de letras” (Schwarz, 2005, p. 36). Esses intelectuais tendiam a se definir como “homens de ciência” na medida em que acusavam os segundos de se afastarem dos debates que possibilitariam propostas para a solucionar os problemas da nação ao publicarem narrativas que não estavam, necessariamente, afeitas ao avanço científico da época.

Depois de convertido, o médico não parou de publicar: *Breves considerações sobre as secas do Norte* (1877); *Biografia de Manuel Alves Branco, visconde de Caravelas* (1877); *Biografia de Paulino José Soares de Souza, visconde do Uruguai* (1877); *Espiritismo: Estudos Filosóficos* (coletânea de artigos originalmente publicados em *O Paiz* entre 1877 a 1894, organizados e publicados pela *Type* em 1894); *A casa assombrada* (originalmente publicado como folhetim no *Reformador* entre 1888 e 1891 organizado e publicado como livro pela *FEB* em 1902); *Os carneiros de Panurgio: romance philosophico-politico* (1890); *Lázaro, o Leproso* (publicado como folhetim entre 1892 e 1896 no *Reformador*); *A história de um sonho* (originalmente publicado como folhetim no *Reformador* entre 1896 e 1897 e organizado e publicado pela *Madras* em 2003); *Casamento e mortalha* (folhetim inacabado e publicado entre 1898 e 1901 no *Reformador*) e *A loucura sob um novo prisma: estudo psychic physiologico* (1920).

Bezerra de Menezes, porque médico, político e escritor, considerava-se um “homem de ciência”; possivelmente por isso tenha usado de pseudônimo ao publicar romances e novelas no *Reformador*, mesmo sendo este um periódico espírita.

#### 4 O MÉDICO DOS LOUCOS E OBSEDADOS

Nas últimas décadas do século XIX, Bezerra de Menezes dedicou seu tempo a pesquisa sobre a loucura. Acredita-se que sua principal motivação tenha vindo do adoecimento de um de seus filhos, diagnosticado como doente mental pelos higienistas oitocentistas. Seu filho, aparentemente um “jovem de temperamento afável (...) tornou-se agressivo e arredo” (Klein Filho, 2020, p. 32). Bezerra de Menezes, em mais de uma publicação escreveu que era preciso que algum médico especialista no

assunto oferecesse uma alternativa aos tratamentos da época que impunham a alienação e a perda do ente querido ainda em vida. E mais, ele se atribui essa missão:

[...] um dia, publicaremos um tratado (...) sobre este importante assunto: importante por entender com a ciência, importante por levar a bálsamo da consolação aos corações que sangram pela perda, pior que a da morte, dos entes que lhes são caros. Escusamo-nos, pois, de descer a prova da diferença essencial da loucura e da obsessão (Max, 1893, p. 4).

Foram muitos os textos que Bezerra de Menezes publicou sobre a loucura, enquanto os organizava para a futura publicação. Bezerra de Menezes morreu no ano de 1900. O livro foi publicado, postumamente, apenas em 1920. Mesmo sendo publicação póstuma, os textos já estavam escritos e organizados pelo próprio autor.

*A loucura sob novo prisma: estudo psíquico-fisiológico* é uma obra organizada em três capítulos: *Existe no homem um princípio espiritual?*; *Do Espírito em suas relações*; e *Obsessão*. De forma geral, Bezerra de Menezes defendeu a tese de que a maioria dos casos identificados como loucura pela medicina higienista tratava-se de obsessão, estando, portanto, equivocado o diagnóstico de doença mental e, em consequência, o tratamento.

A obsessão foi defendida por Allan Kardec<sup>3</sup>, conhecido como codificador da doutrina espírita, como “o domínio que alguns Espíritos [desencarnados / de pessoas mortas] logram adquirir sobre certas pessoas [vivas]” (Kardec, 2011, 317).

Enquanto médico e homem de ciência do século XIX, Bezerra de Menezes era racionalista e intencionava defender sua tese por meio de sucessivos argumentos lógicos. Assim, para que ele pudesse estar certo era preciso convencer o leitor de que: 1) todo ser humano vivo era composto de um corpo material e de uma outra coisa, imperceptível aos olhos, que animava a matéria e que, na publicação, ele chamou de “princípio espiritual” ou espírito; 2) que esse espírito sobreviveria a morte do corpo físico, que guardava a individualidade e a memória que quando estava vivo e ainda que podia se comunicar e/ou influenciar os encarnados; e 3) que quando a influência dos desencarnados sobre os vivos era negativa, esse espírito poderia atormentar tanto o seu alvo que o faria ter ações que se confundiam com a loucura, aos olhos de um médico laico e/ou não espírita.

Seguindo a linha de raciocínio anteriormente exposta, Bezerra de Menezes começa, no primeiro capítulo a argumentar sobre a existência da alma.

<sup>3</sup> Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em 1804 na cidade Lyon na França e morreu em 1869 na cidade de Paris. Foi professor e pesquisador com notoriedade. Decidiu pelo pseudônimo “Allan Kardec” ao organizar e publicar suas investigações — as quais considerava científicas — sobre fenômenos sobrenaturais e a mediunidade. A escolha do nome ocorreu após uma experiência em que espírito familiar havia lhe contado sobre uma vida anterior entre druidas celtas na região da Gália. Dentre suas obras, merecem destaque: *Livro dos Espíritos* (1857), *Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868). Para mais informações ver: DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1995.

Alma, na terminologia espírita, é o espírito encarnado. O historiador Artur Cesar Isaia (2024), já chamou a atenção para a importância da ideia do “magnetismo animal” para a afirmação do espiritismo, teoria muito debatida nos séculos XVIII e XIX, cuja autoria é atribuída ao médico austríaco Franz Anton Mesmer, tanto que alguns a chamam de “mesmerismo”: “O magnetismo animal, cuja proposta atraía pessoas das diversas classes sociais, baseava-se na crença de que existe fluídos universalmente difundido que poderia ser transmitido entre os seres humanos, principalmente com propósitos terapêuticos” (Neubern, 2007, p. 349).

No espiritismo, a crença nesse fluído universal embasou, e ainda embora, os passes espíritas, procedimento em que membros de centros oferecem orações individuais para quaisquer interessados, na maioria das vezes com a imposição das mãos acima da cabeça. Ideia semelhante levou muitos médicos espíritas a defenderem a homeopatia.

Em que pese o debate entre as possíveis interpretações sobre os termos “princípio vital”, “fluído vital” e “fluído universal” seus conceitos, distinções e aproximações, o fato é que este impulso de vida anima a matéria e cessa com a morte, segundo o espiritismo. O que Bezerra de Menezes argumentou no primeiro capítulo da obra na qual analisa a loucura é que, a alma, sobrevive à morte do corpo físico e que essa entidade, então denominada espírito é a essência individual de cada ser humano que, aliás, passa por sucessivas vidas, em diferentes corpos, pelo fenômeno da reencarnação.

Partindo do pressuposto da existência da alma, o autor prosseguiu argumentando que muitas das aflições e doenças do ser humano não advêm do corpo físico, mas emanam do próprio espírito.

No caso específico da loucura, argumentou Bezerra de Menezes, era importante perceber se o encarnado tinha mesmo alguma deficiência física, ou se estava apenas sob a influência de espíritos atrasados que dele se aproximava, suscitando comportamentos estranhos àquela pessoa. A obsessão foi, aliás, apontada pelo autor como a principal causa da loucura que lotava instituições médicas e hospícios no final do século XIX.

É no sentido exposto anteriormente que o autor defende a existência da alma no primeiro capítulo e sobrevivência dela, agora chamada de espírito, no segundo.

É no segundo capítulo que Bezerra de Menezes trata da influência que desencarnados podem exercer sobre os homens. A ideia é que nas suas várias vidas corpóreas os espíritos, por muitas vezes, adquirem desafetos com outros homens e esses, quando desencarnados, podem persegui-los, provocando desequilíbrios vários. Há ainda o caso de espíritos que se aproximam de encarnados à procura de satisfazer desejos e vícios carnavais que quando desencarnados não lhes seriam possíveis de outras formas, como uso de drogas, sexo e bebida.

De qualquer forma o espírito obsessor é sempre atrasado e sua ação é a explicação da maioria dos casos de loucura. Em *O livro dos Médiuns*, uma das obras básicas do espiritismo, aparecem pelo

menos três tipos de obsessão: simples, fascinação e subjugação, bem como suas variadas causas, indo desde o gosto pelo mal e a ignorância até o desejo de vingança (Kardec, 2011, 317).

A obsessão é, então, o tema do terceiro capítulo de *A loucura sob novo prisma*, ocasião no qual o autor descreveu as causas do problema, conforme já mencionamos, e sugeriu as soluções. Bezerra de Menezes chegou a afirmar que a medicina convencional chamou todo esse fenômeno de loucura e recomendou alienação, sem nenhum sucesso no tratamento. Afirmou ainda, conforme já afirmamos, que seria preciso identificar os casos de real patologia física e os de obsessão.

Tributário do racionalismo do século XIX, o espiritismo, incluindo Bezerra de Menezes, interpretava o mundo físico e social em termos de causa e efeito: “à uma causa física, opõe-se uma força física; à uma causa moral é preciso que se contraponha uma força moral” (Kardec, a gênese, p. 259). Assim, finda a causa, encerrar-se-ia a consequência. É pelo exposto, a ideia de causa e efeito, que Bezerra de Menezes sugeriu tratamento para a obsessão (ou “aparente loucura”) por meio de se evitar a causa.

Para evitar a obsessão, o autor recorreu à ideia semelhante àquela dos fluídos, recomendando “vibração superior” com a alegação de que não seria possível aos espíritos inferiores atormentarem encarnados resolutos no bem e na evolução: “Neste caso, seus pensamentos, sentimentos e obras se modelarão pelas normas essenciais à sua missão reparadora, e não permitirão a aproximação de mais espíritos” (Menezes, 2021, p. 166).

Uma vez instalada a obsessão, a solução seria o processo de desobsessão, não discutida por Bezerra de Menezes nesta publicação. No entanto, ele escreveu sobre o tema várias vezes nos muitos artigos que publicou em periódicos.

Segundo o espiritismo processo de desobsessão é o resultado do encaminhamento do espírito obsessor para uma colônia de tratamento no “plano espiritual”, cessando sua ação sobre o obsedado. Dessa forma, ambos se beneficiariam: o que atormenta e o atormentado.

Nos casos de obsessão simples, ou leve, o tratamento pode ser feito à distância, às vezes recomendado por familiares e/ou amigos, sem a necessidade do obsedado comparecer à sessão espírita. Nos demais, com a presença do obsedado, evoca-se o obsessor, por intermédio do médium da casa espírita e um membro, chamado de “doutrinador”, conversa com o espírito com a ajuda dos “mentores da casa” (espécie de guias) até que o espírito desencarnado se convença da sua situação e aceita “seguir” para tratamento, cessando o processo de obsessão. Para tanto, às vezes, e ainda segundo o espiritismo, são necessárias várias sessões e muito tempo. Uma vez livre do obsessor, a teoria espírita recomenda a caridade e os bons hábitos para que o outrora obsedado não venha atrair outros obsessores (Kardec, 2011).

Os escritos de Bezerra de Menezes sobre a loucura e a obsessão serviram de fundamentação para inúmeros hospitais e centros psiquiátricos espíritas que se multiplicaram no século XX.

Considerando apenas a primeira metade do século, alguns deles foram:

- Casa de Saúde Allan Kardec, hoje Hospital Psiquiátrico Allan Kardec, fundado no ano de 1922, em Franca;
- Sanatório Dr. Mariano Dias, hoje Casa de Convivência Dr. Mariano Dias, fundado no ano de 1926, em Barretos;
- Sanatório Espírita Allan Kardec, hoje sede do Centro Espírita Fé, Amor e Caridade, fundado em 1930, em Araguari;
- Abrigo Dr. João Viana, hoje Hospital Psiquiátrico Dr. João Viana, fundado em 1930, em Campos;
- Sanatório Espírita de Uberlândia, hoje sede do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, fundado em 1932, em Uberlândia;
- Sanatório Espírita de Uberaba, hoje Instituto Maria Modesto, fundado em 1933, em Uberaba;
- Hospital Espírita Pedro de Alcântara, hoje Obra Assistencial Pedro de Alcântara, fundado em 1933, no Rio de Janeiro;
- Hospital Espírita Discípulos de Jesus, hoje Centro Espírita Discípulos de Jesus, fundado em 1935, em Campo Grande;
- Fundação Espírita Américo Bairral, hoje Instituto Bairral de Psiquiatria, fundado em 1937, em Itapira;
- Sanatório Bezerra de Menezes, hoje Instituto Bezerra de Menezes, fundado em 1937, em Santo Antônio do Pinhal;
- Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro, fundado em 1938, em Curitiba, e desativado desde 2022;
- Hospital Espírita de Porto Alegre, ainda em funcionamento com mesmo nome, fundado em 1938, em Porto Alegre;
- Hospital Espírita de Marília, ainda em funcionamento com mesmo nome, fundado em 1939, em Marília;
- Hospital de Dementes José Dias Machado, hoje Sanatório José Dias Machado, fundado em 1942, em Ituiutaba;
- Sanatório de Cáceres, hoje Hospital Regional De Cáceres Dr. Antônio Fontes, fundado em 1942, em Cáceres;
- Sanatório Espírita Ivan Santos Albuquerque, hoje sede do Grupo de Estudos Psíquicos Ivan Santos Albuquerque, fundado em 1942, em Sorocaba;
- Sanatório Espírita São Vicente de Paula, hoje Centro Espírita São Vicente de Paula, fundado em 1943, em Morrinhos;

- Instituto Espírita Leocádio J. Correia, ainda em funcionamento com o mesmo nome, fundado em 1943, em Santa Maria;
- Sanatório Espírita Felício Luchine, fundado em 1943, em Birigui, e desativado desde 2015;
- Sanatório Espírita Vicente de Paulo, hoje sede do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), fundado em 1944, em Ribeirão Preto;
- Sanatório Espírita Eurípedes Barsanulfo, hoje Hospital Psiquiátrico Especializado “Casa de Eurípedes”, fundado em 1947;
- Sanatório Antônio Luiz Sayão, hoje Clínica Antônio Luiz Sayão, fundado em 1948, em Araras;
- Instituto Beneficente Nosso Lar, ainda em funcionamento com mesmo nome, fundado em 1948, em São Paulo;
- Sanatório João Evangelista, fundado em 1949, em São Paulo, desativado desde o início de 2024;
- Hospital Espírita André Luiz, hoje Instituto Assistencial Espírita, André Luiz, fundado em 1949, em Belo Horizonte;
- Casa Espírita Apóstolo Simão Pedro, ainda em funcionamento com mesmo nome, fundado em 1949, em São Paulo;
- Sanatório Espírita de Anápolis, hoje Hospital Espírita de Psiquiatria, fundado em 1950, em Anápolis;
- Sociedade Beneficente Paulo de Tarso, hoje Associação Beneficente Paulo de Tarso, fundado em 1950, em Rondonópolis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória intelectual, política e profissional do médico Bezerra de Menezes alimentou o debate sobre a loucura entre a medicina convencional e a espírita, tendo legitimado a conversão de muitos profissionais ao espiritismo.

A enorme quantidade de textos que publicou periodicamente em jornais e revistas, espíritas ou não, ajudou a divulgar a religião no Brasil, bem como propiciou que, ainda hoje e postumamente, publique-se livros em seu nome, reunindo textos esparsos sobre o mesmo tema.



## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Adolpho Bezerra de. Memórias sobre o cancro, encarado pelo lado do seu tratamento. *In: Seção de 27 de Abril de 1857. Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, n. 7, v. 4, p. 181-189, 1857.
- Coleção de Leis do Império do Brasil – 1868. *In: Decreto n. 4.226, de 18 de julho de 1868. Actos do Poder Executivo*, tomo XXXI, parte II, 1868.
- MAX (Da união Espírita). Pseudônimo de Adolpho Bezerra de Menezes. Spiritismo. *In: Estudos Filosóficos. O Paiz*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 3935, 1893.
- MENEZES, Adolpho Bezzerra. **A escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para enxtinguil-a sem danno para a nação**. Rio de Janeiro: Typ. Progresso, 1869.
- MENEZES, Adolpho Bezerra de. Inquérito – Resposta do Dr. Bezerra de Menezes. *In: Secção Miscelânea. Reformador*. Ano X. N. 232. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1892.
- MENEZES, Adolpho Bezerra de. Lázaro, o leproso: Romance espírita por Max. *In: Folhetim*. Rio de Janeiro: **Reformador**, 1892-1896.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, p. 226, 2008.
- BRASIL, Bruno. **O Paiz**. Artigo arquivado em Hemeroteca, 2 abr., 2015. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/artigos/o-paiz/>>. Acesso em 24 set. de 2024.
- CARVALHO, José Murilo de, **A Construção da Ordem: a elite política. Teatro das Sombras: a política imperial**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**. Um corte ideológico. 2 ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DOYLE, Arthur Conan, **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1995.
- ENGEL, Magali Gouveia. As Fronteiras da ‘Anormalidade’: Psiquiatria e Controle Social. **História, Ciência e Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, 5(3):547- 563, 1999.
- FONTE, Eliane Maria Monteiro da. Da Institucionalização da loucura à Reforma Psiquiátrica: as sete vidas da agenda pública em saúde mental no Brasil. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 1, n. 18, 2012.
- GURGEL, Cirlei. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti. **Homo projector**, v. 4, n. 02, p. 57–67, 2020. Disponível em: <https://homoprojector.iipc.org/index.php/homoprojector/article/view/165>. Acesso em 29 de set. de 2024.
- ISAIA, Artur Cesar. Bezerra de Menezes e Gonçalves de Magalhães: muito além do cérebro. Tentativas de enfrentamento ao materialismo científico do século XIX. **Revista Brasileira de História**, n. 40, v. 84, p. 267-288. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-12>>. Acesso em 17 de set. de 2024.

JARBERT, Alexander. Espiritismo e Psiquiatria no Brasil da Primeira República. In: 10º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2005. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

KLEIN FILHO, Luciano. **A loucura sob o novo prisma: o “Xodó de Bezerra”**. In: MENEZES, Adolpho Bezerra de. **A loucura sob novo prisma**. Estudo psíquico-fisiológico. 15. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2020.

MESGRAVIS, Laima. **A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, (1599?-1884):** contribuição ao estudo da assistência social no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MESGRAVIS, Laima. **A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, (1599?-1884):** contribuição ao estudo da assistência social no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da Norma: Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARINS, Paulo César. **Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da Vida Privada no Brasil**, v. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MUGGE, Miquéias Henrique. “Gostaria de se tornar Tenente”: oficiais da Guarda Nacional – um perfil socioeconômico no Brasil Meridional (1850-1870). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 16, n. 3, p. 307-3017, 2012.

NEUBERN, Maurício da Silva. Sobre a condenação do magnetismo animal: revisitando a história da psicologia. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, vol. 23, n. 3, p. 347-356, 2007.

NÓBREGA FILHO, Antonio; MACHADO, Humberto Mauro Mendonça (org.). **Vida e obra Dr. Bezerra de Menezes**. Fortaleza: INESP, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PONTES, Rafael Pinheiro; BRITO, Joé Jurailson Bezerra. Jaguaretama – A flor do sertão. História do Riacho do Sangue nos séculos XVIII e XIX. **Revista Instituto do Ceará**, Fortaleza, p. 135-160, 2021.

RESENDE, Heitor. **Política de saúde mental no Brasil: uma visão histórica**. In: TUNDIS, Silvério; COSTA, Nilton do R. **Cidadania e Loucura: Políticas de saúde mental no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SENADO, Biblioteca Digital, Coleção 4 – **Obras Raras** – livros raros. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/174466>. Acesso em 27 de set. de 2024.